



Breve História sobre o
Anticristo

VLADIMIR SOLOVIEV



BREVE HISTÓRIA SOBRE O ANTICRISTO

Vladimir Soloviev

BREVE HISTÓRIA SOBRE O ANTICRISTO



Traduzido do espanhol: *Breve Relato sobre el Anticristo*.
© Santa Cruz - Editora & Livraria, 2016

CAPA

La predicazione dell'Anticristo, 1499-1504, Luca Signorelli
Catedral de Orvieto, Orvieto, Itália.

Agradecemos de forma particular a todos aqueles que fizeram parte deste projeto. Estes preferiram manter-se anônimos.

Os direitos desta edição pertencem à

Santa Cruz - Editora & Livraria

Loja online: www.stacruzartigoscatolicos.com.br

E-mail: atendimento@stacruzartigoscatolicos.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

SO689

Soloviev, Vladimir Sergejevich, 1853-1900

Breve História sobre o Anticristo / Vladimir Sergejevich

Soloviev; 1. ed. - São Caetano do Sul, SP: Santa Cruz Editora e Livraria, 2016.

66p.

ISBN: 978-85-5932-001-5

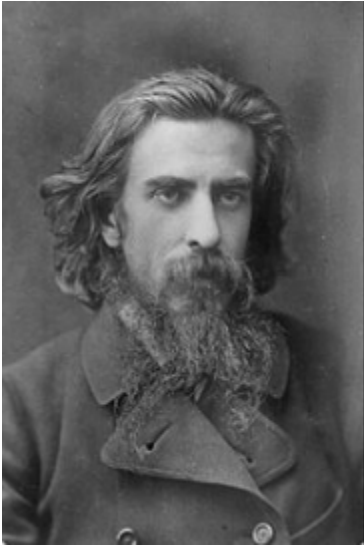
1. Literatura. 2. Literatura Russa.

I. Título

CDD: 890

CDU:8-82

Reservado todos os direitos desta obra. Proibida toda e qualquer reprodução desta edição por qualquer meio ou forma, seja ela eletrônica ou mecânica, fotocópia, gravação ou qualquer meio.



Filósofo, teólogo, poeta, escritor e crítico literário russo, Vladimir Soloviev nasceu em Moscou em 16 de janeiro de 1853, tendo falecido nessa mesma cidade em 31 de julho de 1900.

PREFÁCIO

O Anticristo, perversa *Imitatio Christi*

Por Josef Pieper

A Tradição não vê na imitação de Cristo pelo Anticristo outra coisa que a máxima potencialização da mendacidade e da santidade aparente que o caracterizará. Tal santidade aparente deve ser considerada muito restritamente. Não se trata aqui de uma vulgar simulação, mas de um hábito geral que desce e entra no campo da ética e deve quase necessariamente aparecer como uma verdadeira santidade em um mundo que já perdeu o sentido original, ôntico e cúltico, desse conceito. Somente em virtude dessa verdadeira imitação, capaz de enganar até mesmo “as pessoas sérias” e até mesmo os crentes, é que, compreensivelmente, se entende o engano de muitos, “que (se fosse possível) até os escolhidos seriam enganados”; aí tem algo do “poder de sedução”, que no Novo Testamento se diz que Deus permite “de tal modo que creiam na mentira”^[1]. Assim, que nessa força e capacidade enganadoras a Tradição as vê como fundadas especialmente na santidade aparente da vida pessoal, em que se jacta o Anticristo.

Na famosa “*Breve História sobre o Anticristo*”, – que pretende reproduzir tudo “quanto com a maior verossimilhança se pode dizer sobre esta questão, de acordo com a Escritura, a Tradição da Igreja e o bom senso” – Vladimir Soloviev descreve a história do Anticristo como “o grande amigo espiritualista, ascético e amigo dos homens”, cuja elevadíssima autoestima aparece justificada pelas “manifestações rigorosas de abstinência, abnegação e disposição ativa de ajuda”; e é “acima de tudo, um amigo dos homens, e não só dos homens, mas também amigo dos animais, sendo pessoalmente vegetariano”.

Forma parte da imagem tradicional do Anticristo aparecer como “benfeitor”, e nas audiências se mostra “tão amável, que será aclamado em

todos os jornais”, como se diz na – “*A vida do Anticristo*”, que escreveu um capuchinho no século XVII.

O Anticristo é o autor de um livro, traduzido em todas as línguas do mundo, com o título “*O caminho aberto para a paz universal e o bem-estar em todo o mundo*”. Ele (o Anticristo) “criou em toda a humanidade uma igualdade fundada firmemente: a igualdade de uma sociedade universal”. E depois de ter sido proclamado – sobre a base de uma eleição sem votação! – soberano do mundo, o Anticristo pronuncia um manifesto, que conclui com as seguintes palavras: “Povos da terra! As promessas se cumpriram! A paz eterna e universal foi consolidada. Qualquer intento de perturbá-la agora encontrará uma insuperável oposição, porque de agora em diante se estabelece no mundo um poder central mais forte que qualquer outro, seja individual ou coletivo. Este poder invencível, e capaz de tudo conquistar, pertence a mim, eleito Imperador da Europa e comandante de todas suas forças. O direito internacional estabeleceu, finalmente, as sanções ausentes por tanto tempo. De agora em diante nenhum país se atreverá a dizer: *guerra*, quando eu digo: *paz*! Povos da terra: a paz esteja convosco”.

Isto escrevia Soloviev no último ano do século XIX.

Breve História sobre o Anticristo

Vladimir Soloviev

Em uma cidade situada no Mediterrâneo, cinco russos se encontraram por acaso: um velho general, um político, um jovem príncipe, uma senhora, e um desconhecido (Senhor Z).

Soloviev nos reporta três de suas conversas. Este é o último fragmento que restou.

O *Político*: Uma vez que agora está bem claro que nem os ateus, nem os “verdadeiros cristãos” da espécie do príncipe, representam o Anticristo, é hora de que você nos deixe o seu retrato.

O *Senhor Z*: Isto é o que você deseja! Mas você está realmente satisfeito com uma destas numerosas representações de Cristo, sem excluir aquelas criadas por pintores de gênio? Para mim, nada me satisfaz. Eu acho que é porque Cristo é a encarnação, única e, portanto, não como qualquer outra, da essência do bem. Para representá-lo, o gênio artístico é insuficiente. Devemos dizer o mesmo do Anticristo, que é uma encarnação, única em sua perfeição, do mal. É impossível pintar o seu retrato. Na literatura religiosa, encontramos apenas os seus traços e os esboços da sua descrição.

A *Senhora*: Deus nos guarde de ter o seu retrato! Diga-nos porque você prefere ficar com o necessário, que será o seu trabalho, e diga-nos se ele virá em breve.

O *Senhor Z*: Eu posso satisfazê-la melhor do que você pensa. Há apenas alguns anos, um de meus colegas de estudos, que havia se tornado monge, ao morrer deixou-me um manuscrito que estava em seu poder,

mas que ele não desejou nem pôde imprimir. Tinha por título: “*Breve História sobre o Anticristo*”. Como parte de um quadro histórico preconcebido, esta composição dá, eu creio, tudo quanto com a maior verossimilhança se pode dizer sobre esta questão, de acordo com a Escritura, a Tradição da Igreja e o bom senso.

O *Político*: O autor não será o nosso amigo Varsonophii?

O *Senhor Z*: Não, deram-lhe um nome mais rebuscado: Pansophii.

O *Político*: Pansophii? Um polonês?

O *Senhor Z*: Nem um pouco, ele era o filho de um sacerdote russo. Se você me der um minuto para ir ao meu quarto, eu trarei para você este manuscrito, e você poderá lê-lo; não é longo.

A *Senhora*: Vá! Vá! E volte em breve.

Enquanto o Senhor Z foi buscar o manuscrito, o grupo vai passear no jardim.

O *Político*: Eu não sei o que é, se é a minha percepção que está afetada pela idade, ou se é a natureza que está mudada? Mas constato que em qualquer época do ano e em qualquer lugar eu não vejo mais agora a clara transparência dos dias como outrora. Basta ver hoje: não há uma nuvem; estamos longe do mar e ainda assim tudo parece ligeiramente sombreado, esta não é a claridade perfeita. Você notou, General?

O *General*: Noto isso há muitos anos.

A *Senhora*: Notei também por um ano, mas na minha alma como na atmosfera eu não vejo mais a “claridade perfeita” de que fala. Em todos os lugares parece reinar como uma preocupação, como uma premonição de uma catástrofe. Estou convencida, Príncipe, que você também sente isso.

O *Príncipe*: Não, eu não notei nada em particular: a atmosfera parece ser o que sempre foi.

O *General*: Você é muito jovem para ver a diferença: você não tem um termo de comparação. Quando eu olho para o tempo em que eu tinha cinquenta anos, como a diferença é significativa!

O *Príncipe*: Eu acho que a sua primeira suposição é a verdadeira; a sua percepção está enfraquecida.

O *Político*: Nós estamos velhos, isto é certo; mas a terra tampouco rejuvenesce; e se sente como um duplo cansaço.

O *General*: O mais provável é que o diabo com seu rabo põe uma névoa na claridade divina.

A *Senhora* (apontando para o Senhor Z, enquanto este desce do terraço): Iremos em breve nos informar.

Todos retomaram seus lugares anteriores, e o Senhor Z começa a leitura do manuscrito.

O *Senhor Z*: “Breve História sobre o Anticristo”.

*“Pan-mongolismo! Embora seja uma palavra selvagem,
Seu som me agrada,
Como se fosse o presságio de um grande destino
Pleno do divino”.*

A *Senhora*: De onde provém esta epígrafe?

O *Senhor Z*: Creio que foi composta pelo próprio autor do relato.

A *Senhora*: Pois bem. Leia-o.

O *Senhor Z* começa a leitura:

“O século XX da era cristã foi a época das últimas grandes guerras internacionais e decisivas revoluções. A maior destas guerras exteriores teve como causa remota o movimento intelectual surgido no Japão em fins do século XIX com o nome de *pan-mongolismo*.

Os japoneses, bons imitadores, assimilaram com surpreendente rapidez e êxito as formas substanciais da cultura europeia, apropriando-se também de algumas ideias europeias de ordem inferior.

Tendo conhecido através de jornais e manuais de história a existência no Ocidente do pan-helenismo, pan-germanismo, pan-eslavismo, pan-islamismo, proclamaram a grande ideia do pan-mongolismo – unificação de todos os povos da Ásia oriental sob sua liderança, com o objetivo de levar adiante uma guerra decisiva contra os estrangeiros, quer dizer, contra os europeus. Aproveitando que no início do século XX a Europa se encontrava às voltas com a última e decisiva batalha contra o mundo muçulmano, prepararam-se para realizar seu grande plano: primeiro a

ocupação da Coréia, e em seguida Pequim, onde, com a ajuda do partido progressista chinês, depuseram a antiga dinastia Manchu, substituindo-a pela japonesa. A esta última os conservadores chineses também se adaptaram facilmente, compreendendo que entre dois males é melhor escolher o menor, pois apesar de tudo, os japoneses eram seus irmãos. Ademais, a independência da antiga China não tinha força para se manter por si mesma e a submissão aos europeus ou aos japoneses se tornava inevitável.

Posteriormente se viu com clareza que o domínio dos japoneses, embora suprimisse as estruturas externas do governo chinês – que então se mostravam absolutamente inúteis – não interferiria nos assuntos internos da vida nacional. Ao contrário, a ocupação pelas potências europeias iria favorecer, por razões políticas, os missionários cristãos, ameaçando assim os profundos princípios espirituais da China.

O antigo ódio nacional entre chineses e japoneses surgiu quando nem uns nem outros conheciam os europeus. Entretanto, frente a estes últimos a mútua inimizade entre duas nações semelhantes se tornava uma guerra civil sem sentido. Os europeus apareciam como estrangeiros, inimigos radicais, e seu domínio não prometia em absoluto algo que pudesse incrementar o amor à própria raça, enquanto que nas mãos dos japoneses, os chineses viam de forma mais atraente o pan-mongolismo, que ao mesmo tempo se tornava mais justificável perante seus olhos que a triste e inevitável realidade da *europeização*.

“Compreendam, obstinados irmãos” – argumentavam os japoneses – “que destes cães ocidentais buscamos somente suas armas, não por simpatia por eles, mas somente para golpeá-los com elas. Unindo-se a nós e aceitando nossa orientação prática, seremos capazes não só de expulsar aos demônios brancos de nossa Ásia, mas também de conquistar seus próprios países e estabelecer um verdadeiro Império do Meio sobre todo o mundo. É legítimo vosso orgulho nacional e o desprezo aos europeus, porém estes sentimentos devem ser nutridos não só com sonhos ilusórios, mas com uma ação apropriada. Nisto vos superamos e devemos mostrar-vos os caminhos de nosso interesse comum. Como podeis ver, são poucos os ganhos obtidos através de uma política autossuficiente e desconfiada para conosco, vossos amigos naturais e protetores. Pouco faltou para que Rússia e Inglaterra, Alemanha e França nos dividissem e não nos

deixassem nem restos de nosso território. Todas as vossas fantasias de tigres resultaram somente em uma fraca exibição de cauda da serpente”.

A sensatez chinesa achou este argumento razoável, estabelecendo assim firmemente a dinastia japonesa. Sua primeira obrigação foi evidentemente a criação de uma frota e um poderoso exército. Grande parte das forças militares japonesas foi transladada à China, servindo de núcleo ao novo e colossal exército. Os oficiais japoneses que dominavam o idioma chinês demonstraram ter maior eficiência como instrutores que os europeus, enquanto a imensa população da China com a Manchúria, Mongólia e Tibet, forneceu um contingente suficiente.

Já o primeiro *Bogdijan*^[2] da dinastia japonesa provou com sucesso o poder do novo império expulsando os franceses de Tonkin e Xian, os ingleses de Burma e anexando toda a Indochina ao Império do Meio. Seu sucessor, o segundo imperador, de origem chinesa por parte de mãe, unia em si a astúcia e a determinação chinesa com a energia, a agilidade e a iniciativa japonesas. Este mobilizou ao Turquestão chinês um exército de quatro milhões de homens, e enquanto Tzun-Li-Jamin comunicava confidencialmente ao embaixador russo que este exército estava destinado à ocupação da Índia, o *Bogdijan* invadia nossa Ásia central. Aqui, sublevando a toda a população, cruzou rapidamente os Urais, ocupando com seus soldados a Rússia oriental e central. Entretanto, as tropas russas se mobilizaram rapidamente, com contingentes vindos da Polônia e Lituânia, Kiev e Volínia, Petersburgo e Finlândia.

Devido à ausência de uma estratégia militar e à superioridade numérica dos inimigos, as qualidades militares do exército russo não lhes valeram para que perecessem com honra. A rapidez da agressão não lhes deu tempo para a necessária concentração de forças e assim as numerosas tropas, uma após outra, foram aniquiladas em desesperadas e encarniçadas batalhas. Os mongóis lograram esta vitória a um preço muito alto, porém com a ocupação de todas as ferrovias da Ásia recuperaram facilmente suas perdas. Entretanto, duas corporações do exército russo, compostos por duzentos mil homens, há tempo concentrados atrás da fronteira com a Manchúria, fizeram um fracassado intento invadindo o bem defendido território chinês.

Depois de deixar parte de suas forças restantes na Rússia, com o objetivo de impedir a formação de um novo exército no país e também para expulsar as numerosas guerrilhas, o *Bogdijan* cruzou as fronteiras alemãs

com três divisões de exército. Por sua parte, os alemães tiveram suficiente tempo para preparar-se e as tropas mongóis se encontraram com uma poderosa defesa. Paralelamente na França, o partido nacionalista tomou o poder e prontamente mobilizou milhões de baionetas até o local do conflito. Posto entre a espada e a parede, o exército alemão se viu obrigado a aceitar os termos de paz oferecidos pelo *Bogdijan*. Os entusiastas franceses, que simpatizavam com a raça amarela, se espalharam pela Alemanha perdendo logo todo sentido de disciplina militar.

O *Bogdijan* ordenou a seu exército que eliminasse os aliados considerados inúteis, ordem que foi executada com o esmero e a precisão própria dos chineses. Simultaneamente, em Paris se deu a insurreição dos trabalhadores *sans patrie*^[3] e a capital universal da cultura ocidental abriu suas portas com júbilo ao Senhor do Oriente.

O *Bogdijan* se dirigiu à Bolonha, onde escoltado por uma frota vinda do Pacífico, preparou rapidamente os navios que levariam seu exército até a Grã-Bretanha. Como o imperador estava necessitado de fundos, os ingleses lograram comprar sua liberdade com um milhão de libras esterlinas. No transcurso de um ano todas as potências europeias reconheciam sua vassalagem ao *Bogdijan*, o qual, deixando na Europa suficientes forças de ocupação, regressou ao Oriente para empreender campanhas navais contra a América e a Austrália.

Por meio século pesa sobre a Europa o novo jugo mongol. Sob o aspecto interno, esta época se caracteriza pela mistura e o intercâmbio profundo de ideias europeias e orientais, repetindo em grande escala o antigo sincretismo alexandrino. Na vida prática se evidenciam três aspectos como os mais representativos: a vasta afluência à Europa de operários chineses e japoneses, e como consequência o agravamento do problema econômico-social; a prolongação por parte da classe dirigente de uma série de paliativos para resolver este problema; e, finalmente, a crescente atividade de sociedades internacionais secretas, organizando uma grande conspiração pan-europeia com o fim de expulsar os mongóis e restabelecer a independência da Europa. Esta colossal conspiração, apoiada pelos governos nacionais, – na medida em que podiam evadir o controle dos funcionários do *Bogdijan* – foi preparada habilmente produzindo admiráveis resultados.

No momento fixado, se deu início ao extermínio dos soldados mongóis e à expulsão dos operários asiáticos. Unidades secretas de tropas europeias apareceram repentinamente em diversos lugares, levando-se a cabo uma mobilização geral de acordo com uma estratégia previamente planejada. O novo *Bogdijan*, neto do grande conquistador, se trasladou da China à Rússia, onde encontrou sua numerosa tropa completamente derrotada pelo exército europeu. Os restos das tropas dispersas regressaram à Ásia, e assim a Europa tornou-se liberta.

Se a submissão de meio século aos bárbaros asiáticos foi causada pela desunião dos estados europeus – ocupados somente com seus próprios interesses nacionais – a grande e gloriosa libertação foi devida à organização internacional das forças unidas da população europeia. Como consequência natural deste feito, a antiga estrutura do mundo constituída por estados individuais perdeu sua vigência e transcendência, e os últimos restos das antigas monarquias desapareceram pouco a pouco.

A Europa do século XXI aparece como a união de Estados mais ou menos democráticos: a “União dos Estados da Europa”. O progresso da civilização, atrasado pela invasão mongol e pela luta de libertação, retomou novamente seu curso com rapidez.

Mas os objetos internos da consciência, os problemas sobre a vida e a morte, o destino do mundo e do homem, se tornaram mais complexos e confusos ante a multiplicidade de investigações e descobrimentos fisiológicos e psicológicos, permanecendo como antes, sem solução.

Um só resultado importante foi atingido: o decisivo abandono da teoria materialista. A concepção do universo como um sistema de átomos em movimento, ou da vida como resultado da acumulação mecânica das transformações da matéria, eram já totalmente insatisfatórias. A humanidade havia superado para sempre este estado de infância filosófica. Evidenciou-se claramente que havia ficado para trás a crença infantil de uma fé ingênua e inconsciente. Aquelas ideias como de um Deus que criou o mundo *ex nihilo*^[4], deixaram de ser ensinadas nas escolas primárias. Em seu lugar foi estabelecido um nível superior comum, uma visão de ideias das quais não se concede nenhum tipo de dogmatismo. E embora a maior parte das pessoas “pensantes” permanecia totalmente incrédulas, os poucos crentes – por necessidade – se converteram em homens pensantes,

cumprindo o mandato do Apóstolo: *Sejam meninos no coração, mas não na inteligência*[5].

Vivia naquele tempo, entre os poucos que ainda acreditavam no espiritualismo, um homem de dotes excepcionais – muitos o chamavam um super-homem – que estava longe de ser um menino tanto na mente quanto no coração. Era ainda jovem, porém graças à sua extraordinária genialidade, aos trinta e três anos alcançou fama de pensador excepcional, de escritor e reformador social. Consciente de seu grande poder espiritual, foi sempre um convencido espiritualista e sua clara inteligência mostrou-lhe sempre a verdade daquilo em que se devia crer: o bem, Deus, o Messias. Ele acreditava nisto, porém somente amava a si mesmo. Acreditava em Deus, mas no fundo da sua alma, inconsciente e involuntariamente, preferia a si mesmo.

Acreditava no Bem, porém o olho da Eternidade que tudo vê, sabia que este homem se ajoelharía diante da potência do mal quando esta o conquistasse; não com o engano dos sentimentos ou das baixas paixões, nem tampouco com a sedução de um alto poder, mas somente estimulando seu desmedido amor próprio. Ademais, este amor próprio não era um instinto inconsciente nem uma ambição irracional. Parecia estar suficientemente justificado pela extraordinária genialidade, perfeição e nobreza deste grande espiritualista, asceta e filantropo, assim como por seu elevado desinteresse e simpatia pelos mais necessitados.

Estava de tal modo dotado de dons divinos, que via neles um sinal da benevolência do alto e se considerava o segundo depois de Deus, o filho único de Deus. Em uma palavra, acreditou ser o que Cristo foi na realidade. Porém a consciência de sua alta dignidade não se mostrava na prática como uma obrigação moral para com Deus e o mundo, mas ao contrário como um direito e um privilégio sobre os outros e especialmente sobre Cristo. Inicialmente não experimentava hostilidade para com Jesus. Admitia sua divindade messiânica e seu valor, porém na realidade somente via n'Ele seu maior precursor.

O valor moral de Cristo e sua absoluta unicidade não estavam ao alcance de uma mente tão obscurecida pela ambição como a sua. Raciocinava assim: “Cristo veio antes de mim; eu vim em seguida, mas na ordem do tempo aquele que vem depois é substancialmente primeiro. Eu vim por último, no final da história, portanto sou perfeito. Sou o

salvador final do mundo e Cristo é meu precursor. Sua vocação foi a de antecipar e preparar minha vinda”.

Com esta ideia, o grande homem do século XXI aplicará a si mesmo tudo o que foi dito no Evangelho sobre a Segunda Vinda, compreendendo que se referia não ao regresso do mesmo Cristo, mas a substituição de Cristo precursor pelo *definitivo*, isto é, por ele mesmo.

Neste estado “o homem vindouro” se apresenta ainda com poucas características originais. Concebia sua relação com Cristo do mesmo modo como foi, por exemplo, a de Maomé: um homem justo a quem ninguém podia censurar nenhum mal. Justificava a preferência egoísta por si mesmo e não por Cristo com o seguinte raciocínio: “Cristo, pregando e praticando em sua vida o bem moral foi o reformador da humanidade; eu, por outro lado, estou destinado a ser o benfeitor desta mesma humanidade, em parte reformada e em parte incorrigível. Darei a todos tudo quanto eles necessitam. Cristo, como moralista, dividiu a humanidade em bons e maus, porém eu, ao contrário, unirei a todos com os bens necessários; tanto para os bons como para os maus. Serei o verdadeiro representante daquele Deus que faz brilhar o sol sobre bons e maus, e faz chover sobre justos e injustos. Cristo trouxe a espada e eu trarei a paz. Ele ameaçou a terra com o terrível juízo final, porém o último juiz serei eu, e meu juízo será não só de justiça, mas de misericórdia. Em meu juízo haverá também justiça, porém não será uma justiça reparadora senão distributiva. Julgarei a todos e darei a cada um segundo suas necessidades”[6].

Com esta magnífica disposição, esperava uma clara convocação de Deus para iniciar a obra da nova salvação da humanidade. Aguardava um sinal prodigioso ou algum testemunho de ser o filho maior, o primogênito predileto de Deus. Esperava, cultivando seu amor próprio, sustentado pela consciência de suas virtudes e dons sobre-humanos; pois, como foi mencionado, era um homem de uma moral irrepreensível e de uma genialidade nada comum.

A soberba deste homem aguardava um sinal do alto para iniciar a salvação da humanidade, porém estes sinais não foram vistos. Havia chegado já os trinta anos, e passaram três anos mais. Eis aqui que um pensamento surgiu em sua mente e um calafrio penetrou-lhe até a medula dos ossos: “E se... se eu não, mas aquele... galileu? Se ele não fosse meu predecessor, mas fosse o verdadeiro, o primeiro e o último? Nesse caso,

Ele deveria estar vivo... Onde está? Que aconteceria se de repente viesse me buscar... aqui, agora?... Que lhe direi? Sentirei-me porventura obrigado a me inclinar perante Ele como o mais estúpido dos cristãos ou como um camponês russo que resmungava sem compreender: “Senhor Jesus Cristo, tem piedade de mim pecador?” Acaso me verei obrigado, como uma velha polaca, a prostrar-me por terra diante da Cruz? Eu, o gênio brilhante, o super-homem? Não, nunca!”

E assim, ao invés das suas antigas reflexões e sua fria reverência perante Deus e Cristo, uma espécie de terror nasceu e cresceu em seu coração, seguida de uma sufocante inveja que consumia todo o seu ser, e um ódio furioso que lhe cortava a respiração. “Eu, eu, e não Ele! Ele não está entre os vivos. Ele já não está e não estará. Não ressuscitou, não ressuscitará, não ressuscitou dentre os mortos! Se decompõe na sepultura, se decompõe tanto como o último dos mortais...”[7]

Com espuma na boca corre convulsivamente para fora da casa, através do jardim, internando-se por um caminho rochoso na noite escura e silenciosa. Sua fúria foi se abrandando e foi substituída pela desesperação, dura e pesada como as rochas, escura como aquela noite. Deteve-se em frente a um precipício profundo, em cuja borda podia escutar à distância o rumor de um riacho correndo entre as pedras. Uma angústia insuportável pesava sobre seu coração. Então um pensamento passou pela sua cabeça: “Devo chama-lo? Perguntar-lhe o que devo fazer?” Uma imagem benigna e triste aparece diante dele, surgida das sombras. “Se compadece de mim... Não, nunca! Não ressuscitou, não ressuscitou, não ressuscitou!” E se lançou ao precipício. Porém algo firme – uma coluna de água? – o manteve suspenso no ar. Sentiu algo parecido a uma descarga elétrica, e uma força desconhecida o empurrou para trás. Perdeu por um instante a consciência e quando voltou a si, encontrou-se ajoelhado a uns poucos passos da beira do abismo. Vislumbrou o contorno de uma figura esplêndida, de luz fulgurante, cujos olhos penetravam sua alma com intolerável e intenso resplendor. Viu estes olhos penetrantes e percebeu – não sabendo realmente se provinha de si mesmo ou de fora – uma estranha voz, insensível e sombria, metálica e absolutamente sem alma, como si viesse de um fonógrafo[8]. A voz lhe dizia: “Tu és meu filho predileto, em quem pus minhas complacências. Por que não me reconhece? Por que adoras a outro, ao mal e ao seu pai? Eu sou teu deus e teu pai. O outro, o mendigo, o crucificado, é um estranho para mim e para ti. Não tenho outro filho além

de ti. Tu és o único, o unigênito, meu igual. Amo-te e não peço nada de ti. És perfeito, poderoso e grande. Cumpre tua obra em teu nome e não no meu. Não lhe invejo, te amo. Não quero nada de ti. Aquele que tu consideravas Deus, exigia do seu Filho obediência sem limites, absoluta obediência – inclusive até a morte na cruz – e ainda aí não veio em sua ajuda. Eu não peço nada de ti; ao contrário, te ajudarei. Ajudarei-te por ti mesmo, por amor à tua dignidade e excelência, pelo puro e desinteressado amor que lhe tenho. Recebe meu espírito. Como antes meu espírito te fez nascer em perfeição, assim agora te faço nascer em poder”[9].

Diante das palavras deste desconhecido, os lábios do super-homem se entreabriram involuntariamente; os dois olhos penetrantes se acercaram do seu rosto e sentiu uma estranha e gelada corrente que penetrava a totalidade do seu ser. Sentiu-se com uma força inaudita, com uma coragem, agilidade e entusiasmo nunca antes vividos. Repentinamente, a luminosa imagem e os dois olhos desapareceram, e algo elevou o super-homem fazendo-o regressar imediatamente ao seu próprio jardim, diante da porta de entrada de sua casa.

No dia seguinte os visitantes do grande homem, e inclusive seus criados, perceberam sua particular compleição, como se fosse inspirada. Haveriam de se maravilhar mais ainda se tivessem visto com que facilidade e rapidez sobrenatural escrevia, trancado em seu escritório, sua famosa obra intitulada “*O caminho aberto para a paz universal e o bem-estar em todo o mundo*”.

Os livros precedentes do super-homem e sua atividade pública haviam encontrado críticos severos, embora estes fossem, em sua maioria, pessoas de profundas convicções religiosas e, portanto, privadas de qualquer autoridade crítica. Por isso as opiniões destes críticos dificilmente eram escutadas quando se referiam ao “homem vindouro” (ou seja, o Anticristo), pois reconheciam neste super-homem, de modo inconfundível, o sinal de um intenso amor próprio e apego à próprias opiniões, e a ausência total de uma verdadeira simplicidade, retidão e bondade de coração.

Com seu novo livro conquistou para si alguns dos seus antigos críticos e inimigos. O livro, escrito depois do incidente junto ao precipício, revelou nele uma genialidade sem precedente. Tratava-se de uma obra que abrangia tudo e resolvia todas as contradições. Combinava um nobre

respeito pelas tradições e símbolos antigos, com um amplo e ousado radicalismo em assuntos sociais e questões políticas. Unia em si uma desmesurada liberdade de pensamento, com um zelo ardente pelo bem comum; o mais elevado idealismo nos princípios orientadores, com as soluções práticas mais precisas e concretas. Foi unido com tal arte, que qualquer pensador ou homem de ação podia facilmente ver e aceitar o conjunto inteiro desde seu ponto de vista particular, sem sacrificar nada da verdade em si mesma, sem necessidade de transcender o próprio eu por ela, ou renunciar de fato ao seu exclusivismo, sem corrigir seus errados pontos de vista e aspirações ou tentar suprir as próprias insuficiências.

Este maravilhoso livro foi imediatamente traduzido para as línguas das nações mais desenvolvidas, e também para algumas das menos avançadas. Durante todo um ano, em todas as partes do mundo, milhares de jornais viram-se abarrotados de avisos publicitários e de elogios por parte dos críticos. Milhões de exemplares com o retrato do autor foram vendidos em edições econômicas, e todo o mundo civilizado – que naquela época compreendia quase todo o globo terrestre – encheu-se da glória do homem incomparável, o grande, o único! Ninguém podia erguer objeção alguma contra este livro, já que era aceito unanimemente como revelação da verdade total. Todo o passado era julgado com equidade, cada aspecto do presente era tratado com imparcialidade e o próspero futuro – aquele do qual temos necessidade – era descrito de uma maneira tão convincente e tangível que qualquer um podia dizer: “Isto é o que queremos; estamos frente a um ideal que não é utopia, ante um plano que não é um artifício”.

O prodigioso escritor não só impressionou a todos, mas também agradou a todos, de tal modo que se cumpriram as palavras de Cristo: “Eu vim em nome de meu Pai, e vós não me recebeis: se vier outro em seu próprio nome, recebê-lo-eis”[\[10\]](#). Em efeito, para ser aceito é necessário ser agradável.

É verdade que algumas pessoas piedosas, embora tivessem aprovado o livro com entusiasmo, se perguntavam uma e outra vez, por que no livro não era mencionado nem uma só vez o nome de Cristo. Porém outros cristãos replicaram: “Louvado seja Deus! Em séculos passados o sagrado sofreu tanto nas mãos de todo tipo de fanáticos, que hoje em dia um escritor religioso sério deve ser muito cuidadoso. Se o livro está imbuído com o

verdadeiro espírito cristão de um amor ativo e de uma bondade que abarca tudo, que mais querem?” Todos assentiram.

Pouco tempo depois da publicação do livro “*O caminho aberto para a paz universal e o bem-estar em todo o mundo*”, que fez do autor o mais popular e brilhante escritor sobre a face da terra, aconteceu em Berlim a assembleia internacional constituinte da “União dos Estados da Europa”. Esta União havia sido instituída após uma série de guerras internacionais e civis surgidas depois da libertação do jugo mongol, e havia sido alterado de modo considerável o mapa europeu. A União já não estava agora diante do perigo de uma colisão entre nações, mas sim entre partidos políticos e sociais.

Os principais dirigentes da política europeia, pertencentes à poderosa irmandade da franco-maçonaria, sentiram a necessidade de um poder executivo comum. Conseguiriam assim uma unidade europeia que lhes permitiria estar em todo momento preparados para fazer frente a novas dissoluções. Na união de conselhos, ou Comitê Permanente Universal, não se alcançou a unanimidade, devido aos maçons não terem obtido a totalidade da representação.

Atingida com tanta dificuldade a União europeia, prontamente os membros independentes do Comitê estabeleceram acordos separados, gerando com isso o perigo de uma nova guerra. Os “iniciados” decidiram então instituir um único poder executivo, dotado de adequados direitos plenipotenciários. O candidato principal era um membro secreto da ordem maçônica: “o homem vindouro”. Era a única pessoa de fama universal. Sendo por profissão um douto oficial de artilharia, e por suas fontes de renda um grande capitalista, gozava de relações amistosas tanto no mundo financeiro quanto no militar. Em tempos menos favoráveis haveria de se alegar contra ele sua origem duvidosa, rodeada de uma densa nuvem de obscuridade. Sua mãe, uma mulher de má reputação e conduta desonesta, era conhecida mundialmente, e devido à sua peculiar conduta muitos homens poderiam reclamar a paternidade de seu filho. Esta situação, evidentemente, carecia de importância em um século tão avançado, e que estava destinado a ser o último.

O “homem vindouro” foi eleito, quase por unanimidade, presidente vitalício da “União dos Estados da Europa”. Quando apareceu na tribuna, com o fulgurante esplendor de sua perfeição juvenil e força

sobre-humana, expondo com uma inspirada eloquência seu programa universal, cativou de tal modo toda a assembleia, que esta, fascinada com o encanto de sua personalidade, em um arranque de entusiasmo, decidiu, sem votação alguma, oferecer-lhe a mais alta honra, nomeando-o Imperador Romano.

O congresso se encerrou em meio a um júbilo geral, e o grande homem eleito publicou um manifesto que se iniciava assim: “Povos da terra! Douvos a minha paz!” E concluía dizendo: “Povos da terra! As promessas se cumpriram! A paz eterna e universal foi consolidada. Qualquer intento de perturbá-la agora encontrará uma insuperável oposição, porque de agora em diante se estabelece no mundo um poder central mais forte que qualquer outro, seja individual ou coletivo. Este poder invencível, e capaz de tudo conquistar, pertence a mim, eleito Imperador da Europa e comandante de todas suas forças. O direito internacional estabeleceu, finalmente, as sanções ausentes por tanto tempo. De agora em diante nenhum país se atreverá a dizer: *guerra*, quando eu digo: *paz*! Povos da terra: a paz esteja convosco”.

Além dos limites da Europa, particularmente na América, se formou fortes partidos imperialistas que obrigaram seus governos a se unirem aos Estados da Europa, sob a autoridade suprema do Imperador Romano. Entretanto, em certos territórios ignorados da Ásia e África haviam alguns pequenos estados e tribos independentes. O Imperador, com pequeno, mas seletto exército formado por soldados russos, alemães, poloneses e turcos, empreendeu uma marcha militar desde a Ásia Oriental até o Marrocos e, sem grande derramamento de sangue, submeteu a todos os estados que ainda não estavam sob seu mandato. Em todos os países do mundo instituiu seus próprios governadores, que foram escolhidos dentre os nobres locais que haviam recebido uma educação europeia e lhe eram fiéis. Nos países pagãos, os povos, impressionados, proclamaram-no seu deus supremo[11].

No período de um ano se estabeleceu uma monarquia universal no sentido mais próprio e exato da palavra. Os *germens* da guerra foram destruídos desde sua raiz. A Liga da Paz Universal se reuniu pela última vez e, dirigindo um entusiasmado elogio ao grande pacificador, se dissolveu por perder sua razão de ser. Iniciado o novo ano de seu reinado, o Imperador universal publicou um segundo manifesto: “Povos

da terra! Prometi-vos a paz e a tenho dado. Porém a paz é bela somente se há prosperidade. Quem, em tempo de paz, se vê ameaçado pela pobreza, não pode ser feliz em meio à paz. Portanto, venham agora a mim todos os que sofrem de fome e frio, e eu vos darei comida e calor!” Depois anunciou um simples, porém extenso, programa de reforma social já indicado anteriormente em seu livro, o qual, com efeito, cativou aos espíritos mais nobres e sensatos.

Agora que todos os recursos financeiros do mundo e extensas propriedades de terra estavam em suas mãos, o Imperador se encontrava capaz de levar a cabo esta reforma e satisfazer os desejos dos pobres, sem causar dano aos ricos. Segundo este plano, cada um receberia de acordo com suas capacidades, e cada capacidade seria retribuída conforme o próprio trabalho e seus resultados. O novo senhor do mundo era antes de tudo um filantropo cheio de compaixão, e não somente um amigo dos homens, mas também dos animais. Ele mesmo era vegetariano; proibiu a vivissecção e submeteu os matadouros a uma severa vigilância. Favoreceu amplamente as sociedades protetoras dos animais. O mais importante, além destes detalhes, foi o firme estabelecimento da mais fundamental forma de igualdade para toda a humanidade: a igualdade da sociedade universal. Isto se realizou no segundo ano de seu reinado.

Os problemas sociais e econômicos foram resolvidos de uma vez para sempre. Entretanto, se o alimento é de primeira necessidade para os famintos, aqueles que estão saciados demandam algo mais. Até os animais saciados usualmente não só querem dormir senão também se divertir. Tanto mais a humanidade, que sempre *post panem* exige *circenses*[\[12\]](#). O Imperador super-homem compreendia aquilo que as massas necessitam.

Naquele tempo chegou a Roma, do oriente mais distante, um grande mago cercado de um halo de estranhos acontecimentos e fabulosos relatos. Segundo rumores que corriam entre os neobudistas, era de origem divina, filho do deus do Sol do sul e de uma ninfa do rio. Este mago, de nome Apolônio, era sem dúvida um homem genial. Por ser de procedência semi-asiática e semi-europeia, bispo católico *in partibus infidelium*[\[13\]](#), combinava em sua pessoa, de um modo impressionante, o domínio dos últimos descobrimentos e aplicações técnicas da ciência ocidental, com um conhecimento tanto teórico quanto prático do

misticismo tradicional oriental. Os resultados desta combinação eram surpreendentes. O mago possuía, entre outras coisas, a meio científica e meio mágica arte de atrair e dirigir, à vontade, a eletricidade atmosférica, tanto que as pessoas diziam que ele ordenava baixar fogo do céu. Ademais, embora impressionasse a imaginação das multidões com inauditos e diversos prodígios, se absteve por algum tempo de abusar do próprio poder para fins egoístas. E assim este homem se apresentou ao grande Imperador, ofereceu-lhe sua arte e seus serviços, e o venerou como ao verdadeiro filho de deus, anunciando que nos secretos livros do Oriente havia encontrado profecias relacionadas diretamente a ele, revelando-o como o último salvador e juiz da terra. O Imperador, fascinado, recebeu-o como um dom do céu, concedeu-lhes esplêndidos títulos e o manteve em sua constante companhia. Os povos da Terra, havendo obtido de seu senhor os benefícios da paz universal e alimento em abundância para todos, tiveram também a possibilidade de usufruir dos mais inesperados milagres e sinais extraordinários. Terminava assim o terceiro ano do reinado do super-homem.

Depois de resolver felizmente os problemas políticos e sociais, enfrentava agora o tema religioso. O Imperador mesmo apresentou ao assunto, sobretudo com relação ao cristianismo, que então se encontrava diminuído. Era consciente de que não restavam mais do que 45 milhões de cristãos. Entretanto, sob o aspecto moral, havia se tornado mais consistente, tendo alcançado um elevado nível, ganhando em qualidade o que havia perdido em quantidade. As pessoas que não estivessem unidas ao cristianismo por algum laço espiritual não seriam contadas entre os cristãos. As diversas denominações haviam perdido membros quase na mesma proporção, de modo que a relação numérica entre elas era aproximadamente a mesma que antes. Por outro lado, com respeito às suas relações recíprocas, ainda que não tivesse havido uma completa reconciliação, a hostilidade entre elas havia diminuído consideravelmente, e as diferenças haviam perdido sua aspereza inicial.

O Papado, desde tempos anteriores, havia sido exilado de Roma, e após longas peregrinações achou refúgio em Petersburgo, sob a condição de abster-se de fazer propaganda, tanto aí como no resto do país. Na Rússia o Papado assumiu uma forma mais simples. Sem diminuir a quantidade de pessoal necessário para os diversos ministérios e secretarias, viu-se obrigado a infundir à sua atividade um caráter mais

fervoroso e a reduzir ao mínimo os rituais e cerimônias. Diversos costumes curiosos e estranhos, embora não tivessem sido abolidos formalmente, caíram em desuso. Em todos os demais países, especialmente na América do Norte, a hierarquia católica contava ainda com vários representantes de posição independente, vontade tenaz e energia infatigável, que mantiveram unida a Igreja Católica, preservando assim seu caráter internacional e cosmopolita.

Os protestantes, com a Alemanha à frente, especialmente depois da união de uma considerável parte da Igreja Anglicana com a Católica, se liberaram de suas tendências mais radicais, e seus mais ferrenhos defensores caíram na indiferença religiosa ou na incredulidade declaradas. Somente na Igreja Evangélica permaneceram crentes sinceros. Dirigida por pessoas com uma ampla erudição, e com uma profunda fé religiosa, inclinava-se cada vez mais a converter-se na imagem viva do antigo cristianismo. Quando os eventos políticos alteraram sua posição oficial, a Igreja Ortodoxa Russa perdeu milhões de seus falsos e nominais membros. No entanto, teve a felicidade de se unir com a melhor parte dos antigos crentes, e até com muitos dos mais religiosos sectários. Esta Igreja renovada, embora não crescesse numericamente, cresceu em força espiritual, manifestada particularmente em sua luta com numerosas seitas extremistas, que impregnadas de um demoníaco e satânico poder, se multiplicavam na sociedade.

Durante os dois primeiros anos do novo reinado, todos os cristãos, atemorizados e fatigados pela série de revoluções e guerras precedentes, tiveram uma atitude de decidida simpatia e entusiasmo frente ao Imperador e suas pacíficas reformas. Porém no terceiro ano, quando apareceu o grande mago, muitos dos ortodoxos, católicos e evangélicos começaram a sentir-se seriamente insatisfeitos e inquietos, desaprovando todas suas ações e vendo-o com antipatia. Os textos evangélicos e apostólicos, que falam sobre o príncipe deste mundo e o Anticristo, foram lidos com maior atenção e suscitaram comentários. Por alguns indícios, o Imperador suspeitou que se aproximava uma grande tormenta, e decidiu resolver esta situação de imediato.

No início do quarto ano de seu reinado, dirigiu um manifesto aos fiéis cristãos de toda confissão, convidando-os a escolher ou nomear representantes plenipotenciários para um Concílio Ecumênico sob sua

liderança. Nesse tempo, o Imperador havia transferido sua residência de Roma a Jerusalém. A Palestina era então um estado autônomo, povoado e governado principalmente por judeus. Jerusalém passou de cidade livre a cidade imperial. Os lugares santos dos cristãos permaneceram intactos, porém sobre a vasta esplanada de Jaram-esh-Sherif, estendida desde Birket-Israin e as barracas por um lado, até a mesquita El-Aksa e os Estábulos de Salomão por outro, se ergueu um enorme edifício que incorporava, além das duas pequenas e antigas mesquitas, um vasto templo “imperial” destinado à união de todos os cultos e dois luxuosos palácios imperiais com bibliotecas, museus e lugares especiais para experimentos e práticas mágicas. Neste meio-templo e meio-palácio se levaria a cabo a abertura do Concílio Ecumênico em 14 de setembro. Uma vez que a Igreja Evangélica não tinha hierarquia, no sentido estrito da palavra, as hierarquias Católica e Ortodoxa, em conformidade com o desejo expresso do Imperador, decidiram admitir no Concílio a um certo número de leigos reconhecidos por sua piedade e sua devoção pelos interesses da Igreja, proporcionando assim uma certa homogeneidade na representação das diversas partes da cristandade. Já que os leigos foram admitidos, não seria permitido excluir ao baixo clero, regular ou secular. De tal modo que o número total de membros assistentes ao Concílio excedeu os três mil, e cerca de meio milhão de peregrinos cristãos invadiram Jerusalém e toda a Palestina.

Entre os membros do Concílio, três pessoas se sobressaíram particularmente. Em primeiro lugar o Papa Pedro II, que era por direito a cabeça dos Católicos. Seu predecessor morreu a caminho do Concílio. O conclave teve lugar em Damasco, onde unanimemente foi elegido o Cardeal Simão Barionini, que tomou o nome de Pedro. Provinha de uma humilde família da província de Nápoles. Foi altamente reconhecido como pregador de uma ordem chamada carmelita, havendo obtido grande êxito na luta contra uma seita satânica que estava se expandindo em Petersburgo e arredores, seduzindo não somente os ortodoxos, mas também os católicos. Foi eleito Arcebispo de Mogoliev e depois Cardeal predestinado a levar a Tiara. Tinha sessenta e cinco anos, era de estatura mediana e constituição robusta, rosto rosado, nariz aquilino e sobrancelhas finas. Possuía um temperamento caloroso e decidido, e falava com fervor e gestos expressivos, com os quais sabia cativar seu auditório. O novo Papa desconfiava do Imperador e mostrava antipatia para com o senhor

universal, particularmente depois da morte do Pontífice anterior, o qual, cedendo à insistência do Imperador, nomeou cardeal ao chanceler imperial e grande mago universal, o exótico bispo Apolônio, que Pedro considerava como um católico duvidoso e certamente um homem fraudulento.

O verdadeiro líder dos ortodoxos, embora não oficialmente, era o Stárets João[14], muito conhecido entre o povo russo. Apesar de oficialmente ser um bispo “aposentado”, não vivia em um monastério e viajava continuamente. Ouviam-se muitas histórias legendárias sobre ele. Alguns pensavam que era Fyodor Kuzmich ressuscitado, quer dizer, o Imperador Alexandre I, que havia nascido três séculos antes. Outros, com maior audácia, garantiam que se tratava do verdadeiro Stárets João, quer dizer, o Apóstolo João, o Teólogo, que não havia morrido, e que agora aparecia abertamente nos últimos tempos. Ele por sua parte não comentava nada sobre sua origem e sua juventude. Estava já velho, porém robusto, de barba e cabelos brancos, coloridos com um tom amarelado e até esverdeado. Era alto e delgado, tinha a face cheia e rosada, olhos vivos e uma expressão terna e bondosa em seu rosto e em suas palavras. Usualmente vestia túnica e manto brancos.

A cargo da delegação evangélica do Concílio estava um douto teólogo alemão, o Professor Ernst Pauli. Era um ancião magro e de estatura mediana, com ampla frente, nariz fino e uma face lisa e barbeada. Seus olhos brilhavam com um olhar feroz e às vezes bondoso. A cada instante balançava suas mãos, movia a cabeça, franzia a testa e insuflava suas bochechas; e com um brilho no olhar emitia sons ininterruptos como: “So! Nun! Ja! So also!”[15] Vestia somente gravata branca e um longo traje decorado com as insígnias de sua ordem.

A abertura do Concílio foi imponente. Dois terços do enorme templo, dedicado “à unificação de todos os cultos”, foram ocupados por cadeiras e assentos para os delegados do Concílio. A terça parte restante foi ocupada por um alto palco, onde foi colocado o trono do Imperador e outro um pouco mais baixo destinado ao mago – cardeal e chanceler do Império –, e atrás deles se dispuseram fileiras de assentos para os ministros, dignitários e chefes de Estado. Nas laterais se encontravam longas fileiras de assentos com finalidade desconhecida. Nas tribunas

situavam-se várias orquestras, enquanto na praça contígua se instalaram dois regimentos de Guardas e uma bateria para as salvas de tiros.

Quando o Imperador ingressou acompanhado do grande mago e seu séquito, as orquestras começaram a entonar “A marcha de unificação da humanidade”, a qual servia de hino imperial internacional. Todos os membros do Concílio se puseram de pé, e agitando seus chapéus, gritaram três vezes a viva voz: “Vivat!, Urrah!, Hoch!”^[16] O Imperador, permanecendo de pé junto ao trono, abriu seus braços e com um ar de majestosa benevolência pronunciou com voz sonora: “Cristãos de todos os credos! Meus queridos súditos e irmãos! Desde o princípio do meu reinado, abençoado pelo Altíssimo com tão maravilhosas e gloriosas obras, nunca me destes motivo de descontentamento. Tendes cumprido vosso dever com fé e consciência. Porém para mim isso não é suficiente. Meu sincero amor por vós, irmãos amadíssimos, deseja ser correspondido. Gostaria que, por um sentimento de amor cordial, mais que por sentido de dever, me reconheçais como vosso chefe em cada empresa desenvolvida para o bem da humanidade. Por isso agora, acima do que normalmente faço por todos, quisera mostrar-vos minha especial benignidade. Cristãos! Que coisa poderei vos dar? Que coisa, não como meus súditos, senão como meus correligionários e irmãos? Cristãos, dizei-me que há de mais valioso no cristianismo, de modo que eu possa concentrar aí meus esforços?” Se deteve por um momento, esperando uma resposta. Escutou-se murmúrios no salão. O Papa Pedro, com fervorosos gestos começou a explicar algo a seus seguidores. O Professor Pauli movia a cabeça ferozmente e com raiva apertava seus lábios. O Stárets João, dirigindo-se até um bispo oriental e um capuchinho, sussurrava algo. O Imperador, depois de uns minutos de espera, se dirigiu novamente ao Concílio: “Queridos cristãos – disse –, compreendo que difícil é para vós apresentar uma resposta direta. Desejo-vos ajudar também nisto. Desgraçadamente, desde tempos imemoriais, tendes vos dividido em diversos credos e seitas, que entre vós já não tendes quase nenhum objeto de desejo comum. Mas se não sois capazes de entrar em acordo, espero reconciliar-vos demonstrando a todas as vossas seitas o mesmo amor e a mesma disposição para satisfazer a verdadeira aspiração de cada uma. Queridos cristãos! Sei que para muitos, e não poucos, o mais valioso no cristianismo é a autoridade espiritual que concedeis a vossos representantes legítimos, não para o interesse pessoal destes,

evidentemente, mas para o bem comum, já que sua autoridade se baseia no reto ordenamento espiritual e na disciplina moral, para todos tão necessária. Queridos irmãos católicos! Compreendo bem vosso ponto de vista. Quanto quisera basear meu poder imperial sobre a autoridade de vossa cabeça espiritual! E para que não creiais que se trata de lisonjas e palavras vazias, por nossa vontade soberana, proclamamos solenemente: que o bispo supremo de todos os católicos, o Papa romano, seja neste instante restituído ao seu trono de Roma, com todos os direitos e prerrogativas do título e a cátedra que um dia lhe foram conferidos por nossos predecessores, começando pelo imperador Constantino, o Grande. Da vossa parte, irmãos católicos, desejo somente que me reconheçais como vosso único intercessor e protetor. Desejaria que os aqui presentes, que em consciência e de coração, me reconheçam como tal, venham a mim – e com a mão sinalizou os postos vazios em sua tribuna. Com exclamações de alegria – *Gratias agimus! Domine! Salvum fac magnum imperatorem!*^[17] – quase todos os príncipes da Igreja Católica, cardeais e bispos, a maior parte dos fiéis leigos, e mais da metade dos monges, subiram à tribuna e, depois de se inclinarem humildemente ante o Imperador, tomaram assento. Porém abaixo da tribuna, no meio do Concílio, ereto e imóvel como uma estátua de mármore, permanecia em seu lugar o Papa Pedro II. Todos os que antes o rodeavam se encontravam agora na tribuna, porém o pequeno grupo de monges e leigos, que havia permanecido em seu lugar, ajuntou-se em torno do Papa formando uma barreira compacta, da qual se levantou um burburinho: *Non praevalerunt, non praevalerunt portae inferi*^[18].

Olhando com assombro o Papa imóvel, o Imperador, voltou a levantar a voz: “Queridos irmãos! Eu sei que entre vós há alguns que consideram a sagrada tradição como o bem mais precioso do cristianismo: os antigos símbolos, hinos e orações, as imagens e as cerimônias litúrgicas. E em realidade, que coisa pode ser mais valiosa para uma alma religiosa? Sabeis, meus prediletos, que hoje firmei o estatuto e destineis valiosas somas de dinheiro para o estabelecimento do Museu Universal de Arqueologia Cristã, em vossa gloriosa cidade imperial de Constantinopla, para recolher, estudar e preservar todos os monumentos da antiguidade, sobretudo orientais; e vos peço para eleger amanhã, entre vós, uma comissão para estudar comigo as medidas a serem tomadas, para que desta maneira a vida moderna, a moral e os costumes, sejam

organizados tão logo seja possível, segundo as tradições e as instituições da santa Igreja Ortodoxa. Meus irmãos ortodoxos! Aqueles que aderirem à minha vontade, e que em consciência possam chamar-me seu verdadeiro líder e senhor, venham aqui a meu lado”.

E grande parte da hierarquia do Oriente e Norte, a metade dos antigos crentes, e mais da metade dos sacerdotes, monges e leigos ortodoxos, subiram à tribuna com gritos de júbilo, observando de soslaio aos católicos que estavam sentados orgulhosamente. Porém o Stárets João permaneceu imóvel e suspirou profundamente. E quando a gente se foi dispersando em torno dele, abandonou seu lugar dirigindo-se ao Papa Pedro e seu grupo.

Os ortodoxos que permaneceram sem subir à tribuna o seguiram. O Imperador tomou de novo a palavra: “Meus queridos cristãos! Sei também que entre vós existem alguns para quem o mais precioso no cristianismo é a convicção pessoal sobre a verdade e a livre investigação a respeito das Escrituras. Conhecida a minha opinião, não é necessário que me estenda sobre este tema. Porventura sabeis que em minha juventude escrevi um volumoso tratado de crítica bíblica, que em seu tempo causou grande alvoroço, dando início à minha popularidade. Presumo que ao recordar este fato, a Universidade de Tubinga, há alguns dias, pediu que eu aceitasse o doutorado em teologia *honoris causa*. Respondi que o aceitava com prazer e gratidão. E hoje, simultaneamente ao decreto da fundação do Museu de Arqueologia Cristã, assinei também outro para a criação do Instituto Mundial de Livre Investigação sobre a Sagrada Escritura, para que possam ser investigadas desde diversas abordagens, assim como para o estudo das ciências auxiliares, com um orçamento anual de um milhão e meio de marcos. Chamo aqueles que aceitem de coração minha boa disposição, e com sinceridade me reconheçam como seu chefe e senhor”. Um maravilhoso, porém quase imperceptível sorriso, se desenhou nos lábios do grande homem. Mais da metade dos doutos teólogos se encaminharam até a tribuna. Todos volveram os olhos para o Professor Pauli, que parecia encontrar-se enraizado em seu lugar. Baixava a cabeça, se inclinava e se contraía. Os sábios teólogos que haviam subido à tribuna permaneciam confusos. Repentinamente, um deles baixou o braço em sinal de renúncia. Saltou diretamente junto aos degraus e, mancando, alcançou o Professor Pauli e a minoria que havia permanecido com ele. Pauli ergueu a cabeça, levantou-se num movimento

indeciso, passou perto dos lugares vazios e, acompanhado de seus fiéis correligionários, foi sentar-se perto do Stárets João e do Papa Pedro, com seus respectivos grupos.

A grande maioria dos membros do Concílio se encontrava na plataforma, formada pela maior parte da hierarquia oriental e ocidental; no espaço abaixo ficaram apenas três pequenos grupos, um junto ao outro, que se apertavam ao redor do Stárets João, do Papa Pedro e do Professor Pauli. O Imperador se dirigiu a eles com uma voz triste: “O que posso fazer por vós, estrangeiros? O que quereis vós de mim? Eu não o sei. Dizeis vós, cristãos abandonados pela maioria de vossos irmãos e chefes, condenados pelo sentimento popular. O que é para vós mais valioso no cristianismo?” Diante disto, o Stárets João se levantou como uma chama branca e respondeu pausadamente: “Grande Imperador! Para nós o mais precioso no cristianismo é Cristo mesmo. Ele mesmo, já que tudo vem d'Ele, porque sabemos que no Verbo Encarnado habita toda a plenitude da Divindade. Meu senhor, nós estaríamos prontos para receber qualquer presente vosso, se reconhecêssemos que vossa generosidade provém das benditas mãos de Cristo. Nossa resposta clara à sua pergunta, sobre o que podeis fazer por nós, é esta: confessa agora e diante de nós, que Jesus Cristo é o Filho de Deus, que se fez carne, que ressuscitou dentre os mortos e regressará novamente; confessa Seu nome e nós o receberemos com amor, como precursor de sua Segunda Vinda gloriosa”.

O Stárets concluiu suas palavras e fixou seus olhos no rosto do Imperador. Uma terrível mudança se produziu nele; algo demoníaco o estremeceu como naquela noite fatal, perdendo imediatamente o domínio interior. Concentrou todos os seus pensamentos para não perder o próprio controle e não se revelar antes do tempo. Realizou um esforço sobre-humano para não se lançar com fúria sobre o Stárets João e mordê-lo com os dentes. Prontamente escutou uma voz familiar: “Mantenha-se tranquilo e não temas nada! Silêncio!” Enquanto o Stárets João continuava falando, o grande mago, envolto num amplo manto de três cores, que cobria a púrpura cardinalícia, parecia manipular algo secretamente. Seus olhos fixos brilhavam e seus lábios se moviam levemente. Através das janelas abertas do templo se divisava uma imensa nuvem negra, que começava a cobrir o céu. Imediatamente reinou a

escuridão. O Stárets João, atônito e assustado, olhava fixamente para o silencioso Imperador. Subitamente, retrocedeu aterrorizado e com voz trêmula e entrecortada gritou aos seus: “Filhinhos! É o Anticristo!” Se escutou o ruído de um potente trovão e, ao mesmo tempo, uma enorme bola de fogo iluminou o templo e investiu contra o Stárets. Por um segundo todos ficaram estupefatos e paralisados, e quando os cristãos, ensurdecidos, volveram a si, o Stárets João jazia morto.

O Imperador, pálido, porém sereno, se dirigiu à assembleia: “Tendes visto o juízo de Deus. Nunca me sirvo da morte para vingar-me, porém meu pai usou deste meio em favor de seu filho predileto. O caso está encerrado. Quem ousaria opor-se ao todo-poderoso? Secretários! Escrevam: *O Concílio Ecumênico dos cristãos viu cair fogo do céu para demolir o absurdo opositor da divina majestade; unanimemente reconhece o grande Imperador de Roma e do mundo, como seu supremo guia e chefe*”.

Repentinamente, ressoou uma voz potente, e com grande clareza se estendeu por todo o templo: “*Contradicitur*”[\[19\]](#). O Papa Pedro II, com o rosto aceso e trêmulo de cólera, ergueu seu báculo contra o Imperador dizendo: “Nosso único Senhor é Jesus Cristo, o Filho de Deus vivo! E quanto a quem és tu, acabas de ouvi-lo. Aparta-te nós, oh Caim fraticida! Aparta-te já, vaso diabólico! Pela autoridade de Cristo, eu, o servo dos servos de Cristo, para sempre te expulso de nosso rebanho, e como um cão vil, te envio a teu pai Satanás. Anátema, anátema, anátema!” Enquanto o Papa dizia estas palavras, o grande mago se movia sem descanso sob seu manto. Retumbou um trovão mais estrépito que o último “anátema”, e o último papa caiu por terra, sem vida. “Assim morrem todos meus inimigos pelo braço de meu pai!”, exclamou o Imperador. “*Pereant, pereant!*”[\[20\]](#), gritaram com voz trêmula os príncipes da Igreja.

O Imperador, apoiado no braço do grande mago, saiu lentamente pela porta traseira da plataforma, seguido de toda sua corte e uma grande multidão. Na sala jaziam os dois cadáveres e permaneciam uns poucos cristãos trêmulos de medo. O único que não perdeu o controle de si mesmo foi o Professor Pauli; o pânico generalizado pareceu enaltecer nele todas as qualidades de seu espírito. Inclusive sua aparência mudou, assumindo um ar majestoso e inspirado. Com passo decidido subiu à tribuna e se sentou

sobre um dos assentos, anteriormente ocupado por algum oficial de estado, e começou a escrever em uma folha de papel. Ao terminar se levantou e leu em alta voz: “À glória de nosso único Salvador Jesus Cristo! O Concílio Ecumênico das Igrejas de Deus, reunido em Jerusalém, está convencido e reconhece: posto que nosso beatíssimo irmão João, representante da cristandade oriental, denunciou o grande impostor e inimigo de Deus, sinalizando-o como o verdadeiro Anticristo, anunciado pelas Sagradas Escrituras; e posto que nosso beatíssimo pai Pedro, representante da cristandade ocidental, com justa excomunhão o expulsou para sempre da Igreja de Deus; hoje, diante dos corpos destes mártires, testemunhas de Cristo, este Concílio resolve: romper toda relação com o excomungado e sua abominável assembleia, e se dispõe a marchar ao deserto e esperar ali a iminente vinda de nosso verdadeiro Senhor Jesus Cristo”. Um grande entusiasmo se apoderou das pessoas, e se escutavam vozes potentes: “*Adveniat, adveniat, cito! Komm, Herr Jesu, komm!*”^[21] O vindouro Senhor Jesus!

O Professor Pauli escreveu de novo e leu: “Aprovando por unanimidade este primeiro e último ato do último Concílio Ecumênico, assinamos” e convidou à assembleia a assinar também. Todos se apressaram a subir à tribuna para assinar. Por último, ele mesmo assinou com grandes caracteres góticos: *Duorum defunctorum testium locum tenens Ernst Pauli*^[22]. “Agora, vamos com nossa arca da última aliança”, disse referindo-se aos dois cadáveres. Os corpos foram erguidos em macas. Lentamente, ao canto de hinos em latim, alemão e eslavo-eclesiástico, os cristãos se encaminharam para a porta de Jaramesh-Sherif. Neste lugar o cortejo foi detido por um dos oficiais do Imperador, acompanhado por uma patrulha da guarda imperial. Os soldados se alinharam junto à porta enquanto o oficial leu o seguinte: “Por ordem de sua divina majestade: para instruir ao povo cristão e para protegê-lo contra homens mal-intencionados, que fomentam discórdias e escândalos, vemos como necessário dispor que os corpos dos dois agitadores, assassinados pelo fogo divino, sejam expostos em público na rua dos cristãos (Haret-en-Nasara), perto da entrada do templo principal dessa religião, chamado templo do Sepulcro ou templo da Ressureição, para que assim todos possam persuadir-se da verdade de sua morte. Seus seguidores obstinados, que com malícia rechaçam todos nossos benefícios, e insensatamente fecham os olhos aos patentes sinais de Deus,

ficam liberados da merecida morte (por meio do fogo do céu), graças a nossa misericórdia e a nossa intercessão perante nosso pai celestial, e recebam completa liberdade, com a única proibição, pelo bem comum, de viver nas cidades ou outros lugares habitados, a fim de que não turvem ou seduzam com suas malvadas invenções a gente simples e inocente”. Ao terminar de ler, oito soldados, ao sinal do oficial, se aproximaram das macas e ergueram os corpos. “Sim, façamos como está escrito”, disse o Professor Pauli, e em silêncio os cristãos entregaram as macas aos soldados, os quais as levaram cruzando a porta noroeste. Os cristãos, por outro lado, saíram pela porta nordeste e rapidamente deixaram a cidade passando junto ao monte das Oliveiras em direção a Jericó, pelo caminho já liberado da multidão pelos guardas e por dois regimentos de cavalaria. Decidiram esperar alguns dias sobre as colinas desertas vizinhas a Jericó. Na manhã seguinte, de Israel vieram cristãos conhecidos e contaram o sucedido em Sião.

Depois do banquete da Corte, todos os membros do Concílio foram convidados à grande sala do trono (próxima ao lugar onde, supostamente, se achava o trono de Salomão). O Imperador, voltando-se à hierarquia católica, disse que o bem da Igreja requeria que eles elegessem imediatamente um digno sucessor do Apóstolo Pedro; que, dadas as circunstâncias, a eleição deveria ser sumária; que a presença do Imperador, com chefe e representante de todo o mundo cristão, supriria amplamente as omissões no ritual; e que, em nome de todos os cristãos, sugeria ao Sacro Colégio nomear ao seu bem-amado amigo e irmão Apolônio, de modo que os íntimos laços que o ligavam a ele facilitariam a união firme e indissolúvel entre a Igreja e o Estado, para benefício de ambos. O Sacro Colégio se retirou para o conclave em um recinto especial, e depois de uma hora e meia regressou com o novo Papa Apolônio. Enquanto a eleição tinha lugar, o Imperador tentava persuadir, com palavras gentis, sagazes e eloquentes, os delegados dos Ortodoxos e dos Evangélicos, para colocar fim em suas velhas divergências, considerando a nova grande era que estava se abrindo na história da cristandade. Deu sua palavra de honra, assegurando que Apolônio haveria de dar um fim, para sempre, aos abusos históricos do poder papal.

Os delegados dos protestantes e ortodoxos, persuadidos pelas palavras do Imperador, redigiram uma ata de união das Igrejas, e quando, entre aclamações jubilosas, Apolônio apareceu sobre a tribuna com os

cardeais, um arcebispo grego e um pastor evangélico lhe apresentaram o pacto de união. “*Accipio et approbo et laetificatur cor meum*”^[23], disse Apolônio, assinando o documento. “Sou um ortodoxo e um verdadeiro evangélico, como sou também um autêntico católico”, acrescentou intercambiando beijos amistosos com o grego e o alemão. Logo se acercou ao Imperador, o qual o estreitou por alguns minutos entre seus braços.

Enquanto isso, línguas de fogo esvoaçavam em todas as direções pelo templo e o palácio; se fizeram maiores e se transformaram em estranhos seres luminosos. Flores nunca antes vistas na terra caíam do alto, preenchendo o ar de um perfume desconhecido. Sons sedutores, nunca antes escutados, que tocavam as profundidades da alma, fluíam do alto provenientes de instrumentos musicais desconhecidos até agora, enquanto vozes angelicais de cantores invisíveis glorificavam ao novo senhor do céu e da terra.

Entretanto, se ouviu um espantoso estrondo subterrâneo no canto noroeste do palácio, sob o Kubbet-el-aruj, isto é, a cúpula das almas, onde se encontrava, segundo a tradição muçulmana, a entrada do inferno. Ao convite do Imperador, a assembleia se moveu naquela direção, e todos puderam escutar claramente inumeráveis vozes, estridentes e penetrantes – meio infantis, meio diabólicas – que gritavam com força: “chegou o tempo, liberta-nos”! Porém, quando Apolônio, de joelhos sobre o chão, gritou em uma língua desconhecida para os que estavam embaixo da terra, as vozes se calaram e o estrépito cessou. Enquanto tudo isso acontecia, uma imensa multidão do povo, vindo de todas as direções, rodeou Jaram-esh-Sherif. Ao anoitecer, o Imperador juntamente com o novo Papa, apareceram na sacada oriental, suscitando uma tormenta de entusiasmo. O primeiro saudou inclinándose graciosamente para todas as direções, enquanto Apolônio, de uns cestos trazidos pelos cardeais e diáconos, tomava e lançava ao ar esplêndidas luzes de bengala, rojões e fontes de fogo, que se incendiavam ao serem tocadas pelas suas mãos, brilhando como pérolas fosforescentes e cintilavam como cores do arco-íris. Ao contato com o solo se transformavam em folhas de papel de cores variadas, com indulgências plenárias incondicionais, para todos os pecados passados, presentes e futuros. O entusiasmo popular ultrapassou todo o limite. É certo que alguns disseram ter visto com seus próprios olhos as

indulgências transformarem-se em sapos e serpentes, porém a grandíssima maioria estava entusiasmada. As festividades públicas continuaram por alguns dias, e o novo Papa realizava grandes prodígios, tão maravilhosos e incríveis que seria inútil enumerá-los.

Durante esse tempo, nas colinas desertas de Jericó, os cristãos se consagraram a jejuns e orações. Ao entardecer do quarto dia, o Professor Pauli e nove companheiros se encaminharam até Jerusalém, cavalgando sobre asnos e puxando uma carroça. Passando através das ruas de Jaram-esh-Sherif até Jaret-em-Nasara, chegaram à entrada do templo da Ressurreição, onde os corpos do Papa Pedro e do Stárets João jaziam sobre o piso. As ruas estavam desertas àquela hora, uma vez que toda a população da cidade havia se dirigido a Jaram-esh-Sherif. As sentinelas dormiam profundamente. O Professor Pauli e seu grupo acharam os corpos incorruptos; ainda não se encontravam nem rígidos nem pesados; e assim os colocaram em macas e os cobriram com mantas trazidas para esse fim, e regressaram pelos mesmos caminhos tortuosos até o local onde estavam os cristãos. Tão logo depositaram as macas sobre o chão, o espírito de vida retornou aos mortos. Agitaram-se, buscando livrar-se das mantas que os cobriam. Com exclamações de júbilo, todos se apressaram a ajuda-los, e num instante os dois ressuscitados estavam de pé, sãos e salvos. Então, disse o Stárets João: “Filhinhos meus, já não estamos mortos. Eis o que quero dizer-lhes, é tempo de cumprirmos a última oração de Cristo: que Seus discípulos sejam um, como *“Eu sou um com o Pai”* [24]. Por esta unidade cristã, filhinhos queridos, é necessário que honremos nosso querido irmão Pedro e permitamos que, finalmente, possa ser ele o pastor do rebanho de Cristo. “Aqui estou, irmão”, e abraçou Pedro. O Professor Pauli se aproximou deles e disse: *“Tu es Petrus. Jetzt ist es ja gründlich erwiesen un ausser jedem Zweifel gesetzt!”* [25] Dirigiu-se ao Papa e estreitou calorosamente sua mão direita, dando assim a esquerda ao Stárets João, pronunciando estas palavras: *“So also, Väterchen, nun sind wir ja Eins in Christo”* [26].

E foi assim que teve lugar a união das igrejas em uma noite escura, num lugar solitário. Porém a escuridão se dispersou de repente em razão de uma luz fulgurante. Um grande sinal apareceu no céu: uma mulher vestida de sol, e a lua debaixo de seus pés, e uma coroa de doze estrelas sobre sua cabeça. O sinal permaneceu no mesmo lugar por um certo tempo, e depois, silenciosamente, se moveu para o sul. O Papa Pedro ergueu seu báculo e exclamou: “Este é nosso sinal! Sigamo-La!” E se encaminhou na direção da

visão – seguido pelos dois anciãos e pela multidão de cristãos – até o monte de Deus, o Sinai...”[27]

(Neste ponto o leitor se deteve)

A *Senhora*: Pois bem, por que não continua?

O *Senhor Z*: O manuscrito termina aqui. O Padre Pansophii não pode terminar o relato. Já enfermo, me expressou seu desejo de escrever quanto tinha em mente assim que melhorasse. Porém não melhorou, e a parte final do relato levou-a consigo para o túmulo do Mosteiro de Danilov.

A *Senhora*: Porém, os senhores se recordam o que lhe foi narrado; por favor, continuem.

O *Senhor Z*: Lembro-me somente das linhas principais. Depois que os líderes espirituais e representantes da cristandade se refugiaram no deserto da Arábia, onde multidões de crentes fiéis à verdade, e provenientes de todas as partes do mundo, haviam se reunido, o novo Papa Apolônio, com seus milagres e prodígios, foi capaz de corromper facilmente a todos os cristãos superficiais que não haviam perdido ainda a confiança no Anticristo. Ele anunciou que os poderes de suas chaves haviam aberto as portas do mundo terreno e do mundo além-túmulo. A comunicação entre vivos e mortos, e também entre homens e demônios, tornou-se parte da vida cotidiana, e começaram a aparecer novas e surpreendentes forma de fornicção mística e idolátrica. O Imperador começou a sentir-se seguro e firme no plano religioso, e havendo se rendido às sugestivas vozes insistentes de seu pai “secreto”, mal acabava de se declarar como a única encarnação da suprema divindade, quando inesperadamente um novo problema lhe foi apresentado: os judeus se lançaram contra ele. Esta nação, cujos membros alcançavam então os trinta milhões, havia participado ativamente da preparação e consolidação do êxito do super-homem em todo o mundo.

Quando o Imperador trasladou sua residência para Jerusalém, divulgando entre os judeus o rumor de que seu objetivo principal era erigir Israel como centro do domínio universal, os judeus o reconheceram como seu “messias”, e sua exultação e devoção não conheceram limites. Porém de repente se rebelaram, cheios de indignação e sedentos de vingança. Esta mudança, sem dúvida prevista pelas Escrituras e pela Tradição, foi explicada pelo Padre Pansophii, em seu relato, de uma maneira muito simples e realista. Explicou que os

judeus, que consideravam o Imperador um perfeito judeu, inesperadamente descobriram que este não havia sido circuncidado. Naquele dia toda Jerusalém, e no dia seguinte toda Palestina, estavam amotinadas. A devoção, até então ilimitada e fervente para com o salvador de Israel, o “messias” prometido, se transformou em um ódio igualmente ilimitado e ardente para com o pérfido e insolente impostor. Todo o poder hebreu se lançou como um só homem, e seus inimigos viram com surpresa, que a alma de Israel, no fundo, não vivia somente de cobiçosos cálculos sobre seu lucro, mas também do poder de um profundo sentimento: a esperança e a força de fé eterna no Messias. O Imperador, tomado de surpresa por uma tal rebelião, perdeu o controle de si mesmo e declarou a pena de morte para todos os rebeldes, judeus ou cristãos. Milhares e dezenas de milhares, que não lograram armar-se a tempo, foram massacrados sem piedade. Porém logo um exército de judeus, de um milhão de homens, ocupou Jerusalém e encerrou o Anticristo em Jaram-esh-Sherif. Este tinha à sua disposição somente uma pequena guarnição que não podia resistir a tão poderosos inimigos. Com ajuda das artes mágicas de seu “Papa”, o Imperador conseguiu abrir caminho entre as linhas inimigas, e rapidamente chegou à Síria com uma armada poderosa de diferentes tribos de pagãos. Os judeus saíram a buscá-lo apesar de suas poucas esperanças de êxito na vitória. Precisamente quando as vanguardas de ambos exércitos estavam por se encontrar, rebentou um terremoto de intensa violência. Um enorme vulcão, com uma cratera gigante, se levantou em meio ao Mar Morto, próximo do lugar onde haviam acampado as forças imperiais. Rios de fogo correram formando um enorme lago incandescente, arrastando consigo o próprio Imperador e suas inumeráveis forças armadas, além do Papa Apolônio, que sempre estava junto ao Imperador, e cujos poderes mágicos foram absolutamente inúteis. Enquanto isso os judeus, espantados e temerosos, correram até Jerusalém, clamando pelo auxílio do Deus de Israel. Ao contemplarem a Cidade Santa, um enorme relâmpago rasgou o céu do Oriente até o Ocidente, e viram Cristo descer do céu em vestes reais e com as feridas dos cravos em suas mãos estendidas[28]. Ao mesmo tempo, uma multidão de cristãos, guiados por Pedro, João e Paulo, se acercavam desde o Sinai até Sião, enquanto de diversos lugares acudiam apressados aqueles que haviam sido injustamente assassinados

pelo Anticristo, entre os quais se encontravam cristãos e judeus. Retornaram à vida, e por milhares de anos viveram e reinaram com Cristo.

O Padre Pansophii queria terminar assim seu relato, cujo objeto não era a catástrofe do universo, senão somente o fim de nossa evolução histórica: aparição, apoteose e destruição do Anticristo.

O *Político*: E creem os senhores que este fim está próximo?

O *Senhor Z*: Bem, na cena haverá ainda muitos discursos e esgares, porém o drama já está escrito até o final, e nem os atores nem o público podem mudar nada nele.

A *Senhora*: Porém, qual é o significado deste drama? Tampouco entendo por que seu Anticristo pode odiar tanto a Deus, se ele mesmo não é mau em essência, mas bom.

O *Senhor Z*: Esse é o ponto. Não é essencialmente mau. Esse é o significado do drama. Retiro minhas palavras precedentes, que “o Anticristo não pode ser explicado somente por provérbios”; pode-se compreendê-lo somente com um provérbio, que é demasiado simples: “Nem tudo o que brilha é ouro”. O esplendor de um bem artificial não tem nenhum valor[29].

O *General*: Observem, ademais, sobre o quê cai a cortina deste drama histórico: sobre a guerra! Sobre o encontro de dois exércitos! Nossa conversa, pois, termina onde começou. Que lhe parece, príncipe? Príncipe?... Maldição! Onde está o príncipe!?

O *Político*: Por acaso não o viram? Foi-se silenciosamente naquele momento patético quando o Stárets João colocava o Anticristo entre a espada e a parede. Eu não quis interromper então a leitura, e mais tarde, o esqueci.

O *General*: Meu Deus! Escapou, escapou pela segunda vez. Soube controlar-se por um instante, porém não resiste por muito tempo. Oh! Meu Deus![30]



Este livro acabou de ser impresso em
02 de Maio de 2016, na festa de
Santo Atanásio, Bispo, Confessor e Doutor.
A fonte utilizada foi Garamond Pro,
em papel Pólen Soft 80gr.

[1] II Ts 2, 11.

[2] Literalmente o “Divino Guia”.

[3] Sem pátria.

[4] Do nada.

[5] “*Não sejais meninos na compreensão, mas sede pequeninos na malícia, e perfeitos na inteligência*”. (I Cor 14, 20). Se trata, pois, de distinguir entre a mente e o coração, para valer-se da inteligência como homens maduros e da vontade como a inocência das crianças. Soloviev deixará claro, a seguir, que o Anticristo não será de maneira alguma como criança.

[6] A postura do Anticristo frente a Cristo e o Evangelho é substancialmente a do Grande Inquisidor no poema, cujo argumento relata Iván Karamazov a seu irmão Alejo na obra de Dostoievski: “Mas não sabes Tú que, em nome do pão terrestre, o espírito da terra se levantará contra Ti e Te combaterá e vencerá, e que os homens o seguirão... e que a humanidade pela boca de sua sabedoria e ciência, proclamará que o crime não existe, e que por conseguinte não há pecadores senão somente famintos?”

[7] A Ressurreição de Cristo é o ponto fundamental de nossa fé. A negação deste mistério é essencial para o Anticristo e sua política. Evidentemente, Soloviev se inspirou nos ensinamentos de São Paulo. (I Cor 15, 14-19).

[8] O fonógrafo é um aparelho inventado por Thomas Edison em 1877 para a gravação e reprodução de sons através de um cilindro. Foi o primeiro aparelho capaz de gravar e reproduzir sons.

[9] As três tentações rejeitadas por Cristo no deserto, aceitas pelo Anticristo, constituem a base de todo seu proceder. (Mt 4, 9; Lc 4, 7).

[10] Jo 5, 43.

[11] É a “besta” falada no Apocalipse: “... e foi dado poder sobre toda tribo, e povo, e língua, e nação e lhe adoraram todos os habitantes da terra” (Ap 13, 7-8).

[12] O *panem et circenses* dos romanos, isto é, pão e jogos de circo.

[13] *Nas terras dos infiéis*, ou seja, em território de missão.

[14] O termo russo *stárets*, traduzido como Ancião, não se refere tanto à idade do personagem, mas principalmente à sua fama de santidade. Os *stárets* eram monges dignos de grande respeito e veneração na Rússia.

[15] Assim! Pois! Sim! Assim então!

[16] “Viva!”, em diversas línguas.

[17] Vos damos graças, Senhor! Salve o grande imperador!

[18] “Não prevalecerão, não prevalecerão as portas do inferno” (Mt 16, 18).

[19] Me oponho.

[20] Morram, morram!

[21] É a invocação contida no capítulo final do Apocalipse. “Que venha, que venha logo! Vem, Senhor Jesus, vem!” (cf. XXII, 17, 20).

[22] Em nome das duas testemunhas falecidas, Ernst Pauli.

[23] Aceito, aprovo, e meu coração se alegra.

[24] Jo 17, 21.

[25] Tu és Pedro, agora está provado com certeza, não há nenhuma dúvida!

[26] Assim, agora, pais, somos verdadeiramente um em Cristo.

[27] O Papa há reconhecido o “*Signum Magnum*” de que se fala no capítulo XII do Apocalipse, e nele a Santíssima Virgem Maria, Rainha e Senhora de tudo o que foi criado. (Ap 12, I).

[28] Os judeus veem-se forçados a reconhecer e acatar a Cristo ante a evidência dos sinais de seu advento final, em poder e majestade, posto que, em seu primeiro advento veio em pobreza e humildade, e não quiseram entender a linguagem das profecias e da razão.

[29] A *Senhora*, como tantos cristãos ou pseudocristãos sentimentalmente humanitaristas de hoje, julga pelas aparências, pelo brilho, e deixa-se impressionar pelo ativo pacifismo, a prodigiosa obra social e a unificação religiosa que executa o Anticristo. Sua concepção horizontal e terrestre do cristianismo não lhe permite compreender como poderia supor-se que tão grande benfeitor dos homens deteste a Deus. Que entende esta boa *Senhora* por “Deus”? Que entendem os humanitaristas de hoje por “amor”? Bem faz o leitor de Soloviev ao recordar que nem tudo o que brilha é ouro.

[30] Ao príncipe tolstoiano, inimigo da violência – que em nosso tempo haveria deposto sua nobreza para proclamar-se autêntico democrata e confessaria ser admirador de Gandhi –, resulta-lhe incompreensível o lúcido e penetrante linguajar dos *stárets*, e por certo, não haveria podido nem se quer escutar a sentença de Pedro II. Assim como a *Senhora*, pior, todavia que ela, aplica esse mesmo modo de julgar a ordem das essências.